

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DAS CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE ARQUIVOLOGIA

CYNTHYA BOFF KLEINICKE

A IGREJA CATÓLICA E OS ARQUIVOS NO OCIDENTE MEDIEVAL

Porto Alegre

2023

CYNTHYA BOFF KLEINICKE

A IGREJA CATÓLICA E OS ARQUIVOS NO OCIDENTE MEDIEVAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Arquivologia.

Orientadora: Prof.^a Me. Valéria Raquel Bertotti.

Porto Alegre

2023

CYNTHYA BOFF KLEINICKE

A IGREJA CATÓLICA E OS ARQUIVOS NO OCIDENTE MEDIEVAL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Biblioteconomia
e Comunicação da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul como requisito parcial à
obtenção do grau de Bacharel em
Arquivologia.

Aprovado em: 05/04/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Me. Valéria Raquel Bertotti
Orientadora

Prof.^a. Leolibia Luana Linden
Examinador

Prof.^a. Marieta Marks Löw
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, o mesmo de Abraão, Isaque e Jacó, por ser único e perfeito, por ter me dado essa vida tão linda e com boas oportunidades.

Aos meus pais Edson e Noeli por serem os melhores exemplos, dedicarem tanto amor e sempre fazerem de tudo para me ver bem e feliz.

Ao meu marido Leonardo pelo amor, dedicação e boa vontade.

À minha maravilhosa orientadora Valéria, por ser um exemplo de profissional, de inteligência e por ter feito por mim o que poucos fariam.

À psicóloga Letícia, por ser incrivelmente perfeita e ter me ensinado que a vida é fácil de viver.

*“Noite da Idade Média, que seja!
Mas era uma noite resplandecente de estrelas.”
HILÁRIO FRANCO JR.*

RESUMO

O presente trabalho de conclusão do curso de arquivologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tem como objetivo buscar compreender como os autores e pesquisadores apresentam a relação da Igreja Católica com o desenvolvimento dos arquivos durante a Idade Média no Ocidente. Teve como procedimento fundamental a pesquisa bibliográfica e, quanto a seus objetivos, caracteriza-se como exploratória. Estruturado em três blocos, o trabalho traz as principais características do período denominado Idade Média e da principal instituição religiosa na Europa Ocidental nesta época, a Igreja Católica. Apresenta ainda, pontos relevantes sobre o conceito e a evolução do tratamento dos arquivos até a Idade Média. Por fim, destaca a influência da Igreja Católica no desenvolvimento e/ou retrocesso dos arquivos nesta época.

Palavras-chave: Igreja. Arquivo. Idade Média.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 IDADE MÉDIA.....	10
2.1 Idade Média no Ocidente.....	11
2.2 A Igreja Católica	15
3 ARQUIVO.....	19
3.1 Arquivo: Conceito	19
3.2 Evolução e Desenvolvimento dos Arquivos: do Surgimento até a Idade Média	23
4 OS ARQUIVOS E A IGREJA NA IDADE MÉDIA OCIDENTAL	29
5 CONSIDERAÇÕES.....	32
6 REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

A Igreja Católica está presente em muitos momentos importantes da história, sempre mostrando poder e influência em grandes decisões. E nenhum lugar melhor para guardar e pesquisar a história do que nos arquivos.

O presente trabalho de conclusão do curso de arquivologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tem como objetivo buscar compreender como os autores e pesquisadores, apresentam a relação da Igreja Católica com o desenvolvimento dos arquivos, durante a Idade Média no Ocidente.

A Idade Média é compreendida pelo período entre a deposição do último imperador Romano do Ocidente, Rômulo Augusto, que deu fim a Roma antiga, até a Queda de Constantinopla, dando início ao Renascimento. Este é um período de mil anos, entre os séculos V e XV.

A escolha deste tema foi motivada pelo interesse em colaborar com pesquisadores e estudantes de diversas áreas e curiosos sobre o assunto, tentando unir o maior número de informações encontradas, já que é um assunto com poucas fontes. E pela grande apreciação, por parte da autora, pelos temas “História”, “Idade Média” e “Arquivologia”. O interesse por este tema nasceu nos tempos de escola ao conhecer o romance “O Nome da Rosa” de Umberto Eco.

[...] A trama acontece na Idade média, período marcado pela desintegração do feudalismo e formação do capitalismo na Europa Ocidental, e neste contexto visualiza-se as transformações ocorridas na esfera econômica, social, política e religiosa. A expressão “O nome da Rosa”, significa o poder infinito das palavras na Idade Média, o romance se passa no ano de 1327, quando representantes da Ordem Franciscana e a delegação Papal se reúnem em um mosteiro beneditino, para uma conferência que é subitamente ofuscada por uma série de assassinatos. O cenário principal e centro de todo o enredo é a biblioteca do mosteiro que alocava inúmeros códices preciosos, sabedoria grega e latina, que os monges conservavam durante os séculos como obras apócrifas. A informação era restrita a poucos e representava dominação e poder. (SILVA; PAIVA; CRUZ; CAVALCANTE, 2016, pg.48)

Para alcançarmos os objetivos deste trabalho, utilizaremos a pesquisa bibliográfica como procedimento fundamental. Segundo Gil (*apud* GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 37) “a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites.” Como ressalta o autor um exemplo “desse tipo de pesquisa são (...) aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema” (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 37).

Desta forma foi realizada a pesquisa em diferentes bases de dados utilizando combinações para os termos: Arquivos, Igreja e Idade Média. Além das bases de dados, alguns livros citados em sites que abordam o assunto foram essenciais para a pesquisa.

Quanto aos seus objetivos, a pesquisa caracteriza-se por ser exploratória pois visa “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito” (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, pg. 35).

Em um primeiro momento faremos uma revisão sobre a Idade Média para melhor entender esse período e depois falaremos sobre as principais características da Igreja Católica Medieval. Após, destacaremos pontos relevantes sobre o conceito e a evolução dos arquivos e por fim, demonstraremos a relação que a Igreja Católica teve com o desenvolvimento dos arquivos nesta época.

2 IDADE MÉDIA

De acordo com HILÁRIO FRANCO JR. (2008, pg. 08) a expressão “Idade Média” surgiu após o século XVI. CALAINHO (2014, pg.14) complementa dizendo que na maioria das vezes, as pessoas quando pensam em “Idade Média” remetem à pensamentos como obscurantismo, peste bubônica, perseguições religiosas, exploração de camponeses etc. E os autores SCHIPANSKI e PONTAROLO (2008, pg. 14) concordam quando falam que por muito tempo, a Idade Média foi definida como época de trevas, longa noite de mil anos e muitos outros adjetivos sombrios, comentam em seu texto que no século XVII, os homens reforçaram essa visão negativa da Idade Média.

No século XVII, os homens reforçavam a visão negativa em relação ao período medieval. Essa visão permaneceu inalterada; aliás, recebeu reforço através das críticas dos novos membros das religiões, os novos burgueses capitalistas e protestantes que criticavam a falta de liberdade dos homens para o desenvolvimento das atividades econômicas e a limitada atividade comercial da época regrada pela hegemonia e supremacia da Igreja diante dos reis fracos e submissos, responsáveis pela fragmentação política da Europa. O século XVII, um tempo antiaristocrático e anticlerical, fortaleceu ainda mais o negativismo em relação a Idade Média. [...] esse foi um período em que imperava o obscurantismo, a fé exacerbada e a pouca preocupação com o racionalismo. A teoria defendida é a de que a Idade Média havia interrompido todo o progresso conquistado pelos homens da Antiguidade [...] (SCHIPANSKI e PONTAROLO, 2008, pg. 14)

Sem dúvidas a Idade Média pode ser interpretada de várias formas, ela pode, para alguns parecer sombria, mas tem os que conseguem ver nela a beleza do aprendizado e desenvolvimento. SCHIPANSKI e PONTAROLO (2008, pg. 15) nos dizem que na Idade média houve fanatismo, intolerância, violência, epidemias terríveis, mas que também foi bela. Teve artes riquíssimas, surgimento das universidades, arquiteturas admiráveis, novidades na agricultura e muito mais.

Como nos explica HILÁRIO FRANCO JR. (2008, pg.10), a arte medieval era considerada grosseira, foi então que o pintor Rafael Sanzio denominou esta arte como “gótica”, que é sinônimo de “bárbara”. Belos exemplos de pinturas góticas são o autorretrato de Rafael e Madonna Rucellai de Duccio. Complementando com as falas de CALAINHO (2014, pg.108), o gótico é uma das mudanças mais marcantes do Ocidente Europeu a partir do século XI. Tipicamente urbana este estilo era mais expressivo nas catedrais, exemplo: Catedral de Lincolnshire (Inglaterra) e Catedral de Notre-Dame de Paris (França).

Como estamos vendo, é difícil pensar na Idade Média só como escuridão, pois foi justamente neste período que surgiram as primeiras universidades, lugar onde o pensamento estava em desenvolvimento. As primeiras faculdades eram de artes, medicina, direito e teologia.

Já na agricultura, como nos mostra JACQUES LE GOFF, um dos progressos importantes, foi que se chama de “atrelagem moderna”.

Trata-se de um conjunto de progressos técnicos que por volta do ano mil permitiu a melhor utilização da tração animal e o aumento do rendimento do trabalho dos animais de carga. Estas inovações permitiram empregar o cavalo no trabalho, o qual, sendo mais rápido que o boi, acelerou e multiplicou os trabalhos de lavragem e gradagem do campo (LE GOFF, 2005, pg. 208)

A Idade Média é dividida em dois períodos: a Alta Idade Média, que foi do século V ao X e a Baixa Idade Média, do século XI ao XV. Segundo DANTAS e OLIVEIRA (2018, pg.2) na Baixa Idade Média é quando se consolida o feudalismo e organização social. Na Alta Idade Média a sociedade feudal sofre mudanças quando as cidades e o comércio se fortalecem.

2.1 Idade Média no Ocidente

Roma vinha sofrendo uma forte crise política, econômica e social deste o século III, pois estava há algum tempo sem fazer novas conquistas nas guerras, o que lhes deixou sem escravos e queda na produtividade. O enfraquecimento econômico causou o enfraquecimento militar, o que facilitou a entrada dos germânicos, que já vinham com o objetivo de se instalar nas terras romanas. O ponto forte do Império Romano era a vida urbana, pois eram nas cidades que ficavam seus grandes centros administrativos, mas com a falta de moedas e as más condições das estradas devido às batalhas e a insegurança da população com a presença de outros povos, foram as maiores causas desses prejuízos que a vida urbana teve. Com isso começamos a observar a mudança dos habitantes da cidade para as áreas rurais.

Devido a esses inúmeros pontos prejudiciais, o Império Romano na Europa Ocidental começou a declinar até chegar ao fim em 475 d.C., com a deposição do Imperador Rômulo Augusto. Apesar de ter governado por menos de um ano, a sua deposição marca o fim da Idade Antiga e o início da Idade Média.

A civilização romana da antiguidade foi, sem sombra de dúvidas, um dos maiores expoentes em termos de avanços sociais, culturais e políticos da história. Com a queda de Império de Rômulo Augusto, em 475 d. C., “a nova sociedade, que começa a se formar a partir de então, é um amálgama de tradições que reúne as antigas instruções romanas, os costumes bárbaros, o credo da Bíblia e os aspectos da filosofia grega” (FEIJÓ, 2001, p. 41). Dessa forma, cumpre-nos destacar que a transição da Antiguidade para a Idade Média ocasionou profundas transformações no modo de pensar do homem, provocando densas alterações na sociedade. (DANTAS e OLIVEIRA, 2018, pg. 2)

Devido ao desgaste que o exército romano sofreu, por causa da anarquia militar e guerras civis, os líderes romanos fecharam acordo com os líderes bárbaros, povos esses que já faziam transações comerciais com os romanos, onde eles poderiam se instalar e viver nas terras romanas, mas deveriam proteger as fronteiras.

Mais tarde, outros povos também chegaram à região: Suevos, Vândalos e Alanos; Burgúndios, Francos e Alamanos; Jutos, Anglos e Saxões; e Lombardos. Essa movimentação provocou diversas batalhas entre eles, o que resultou nas conquistas de diferentes territórios da atual Europa Ocidental pelos diversos povos chamados de bárbaros. (SCHIPANSKI e PONTAROLO, 2008, pg. 119)

A grande instalação dos povos germânicos no Ocidente acarretou em barreiras na integração com a população romana, novas unidades políticas chamadas de novos Reinos Romanos Germânicos, instituições políticas, econômicas, sociais, religiosas, culturais e línguas diferentes contribuíram para isso.

SCHIPANSKI e PONTAROLO (2008, pg. 17) falam que a decadência do mundo Romano deu base para o nascimento do Ocidente medieval. O Império Romano foi de grande importância na criação de uma nova sociedade. Os povos germânicos, assim como outros, eram chamados de bárbaros, pois não eram romanos, não falavam grego ou latim, eram diferentes. É com a fusão desses dois mundos, romano e bárbaro, que surge o mundo medieval. Como também nos traz JACQUES LE GOFF (2005, pg. 33) “*O mundo medieval resulta do encontro e fusão destes dois mundos que se interpenetravam, da convergência das estruturas romanas e das estruturas bárbaras em transformação.*”

Para a evolução da humanidade, o período medieval e seus mil anos, tem grande importância. Uma característica muito interessante sobre a Idade Média foi o surgimento do conceito de organização da vida dos indivíduos em sociedade, o Estado.

A questão política é um tanto complexa, como nós coloca JACQUES LE GOFF, isso se dá pela fragmentação da sociedade.

No plano político da evolução histórica, os fenômenos aparecem muitas vezes complexos, perdidos nas particularidades dos homens, dos acontecimentos, e dos textos dos historiadores facilmente seduzidos por tais aparências e aparições superficiais. A história política do Ocidente medieval é especialmente complicada porque reflete o extremo desmembramento em virtude da fragmentação da economia e da sociedade, e do monopólio dos poderes públicos pelos chefes de grupos mais ou menos isolados [...] Mas a realidade do Ocidente medieval não está somente nesta atomização da sociedade e do governo, está também na confusão horizontal e vertical dos poderes. Entre os múltiplos senhores, a Igreja e as igrejas, as cidades, os príncipes e os reis, os homens da Idade Média nem sempre sabem de quem dependem politicamente. No próprio âmbito da administração e da justiça, os conflitos de jurisdição que se repetem continuamente exprimem esta complexidade. (LE GOFF, 2005, pg. 89)

Segundo o autor HILÁRIO FRANCO JR. (2001) a Idade Média tinha altas taxas de natalidade e altas taxas de mortalidade, causadas pelas estiagens, enchentes, epidemias, guerras, fome etc. As condições de vida eram péssimas devido à falta de higiene, por isso a expectativa de vida era baixa, em média viviam até os 30 anos.

A má alimentação, a mediocridade de uma medicina que não sabe qual o seu lugar, oscilando entre receitas de benzedadeiras e teorias eruditas, engendram espantosas misérias físicas e uma mortalidade de países subdesenvolvidos. A esperança de vida é fraca, mesmo se se tenta calculá-la sem levar em conta a terrível mortalidade infantil e os numerosos partos malsucedidos de mulheres mal nutridas e obrigadas a trabalhar duramente. A esperança de vida, que nas sociedades industriais contemporâneas é de 70-75 anos, no Ocidente medieval não devia ir além de 30 anos. (LE GOFF, 2005, pg. 238)

Entre tantos pontos prejudiciais à saúde desta sociedade, ainda tivemos a terrível Peste Bubônica foi uma devastadora epidemia, que marcou este período por matar milhões de pessoas, atingindo cerca de 30% da população da Europa Ocidental. E, segundo JACQUES LE GOFF (2005, pg. 209) não só a Peste Bubônica marcou esta época, a tuberculose foi a mais letal doença medieval.

Como vimos anteriormente, a sociedade teve um regresso, saindo dos centros das cidades e se instalando nas áreas rurais.

[...] A ruralização foi um fato social fundamental na formação da sociedade medieval porque foi também uma ruralização econômica, responsável pela descentralização política que acabou por enfraquecer ainda mais Roma, já ameaçada pelos bárbaros. Esse fato foi um processo marcante que influenciou o Ocidente, cujo resultado foi a transformação da sociedade romana numa sociedade feudal. (SCHIPANSKI e PONTAROLO, 2008, pg. 25)

O sistema feudal que existiu na Idade Média, foi a forma de organização social e econômica, onde grandes pedaços de terras, os feudos, eram propriedades dos senhores feudais, utilizando servos para a mão de obra.

[...] o feudalismo é o conjunto de laços pessoais que unem entre si, hierarquicamente, os membros das camadas dominantes da sociedade. Tais laços apoiam-se numa base "real": o benefício que o senhor concede a seu vassalo em troca de um certo número de serviços e de um juramento de fidelidade. Em sentido estrito, o feudalismo é a homenagem e o feudo. (LE GOFF, 2005, pg. 84)

Já a economia da Idade Média Ocidental era de subsistência, e a subsistência variava de acordo com as classes sociais, sendo prioridade a alimentação e em segundo lugar as vestimentas e as casas. No caso dos camponeses era o mínimo para a sobrevivência, já a Igreja gastava com luxos.

A agricultura era a principal atividade econômica na época, mas como nos conta JACQUES LE GOFF (2005, pg. 203) os equipamentos eram medíocres e o solo ruim, e pela falta de conhecimento de adubos químicos, os únicos usados eram os naturais como esterco, por exemplo. Uma novidade notável foi o desenvolvimento de moinhos como fonte de energia.

A sociedade medieval era dividida por classes sociais hierarquizadas, basicamente em três grupos: Os Nobres, que eram proprietários de terra, descendentes de famílias ricas, condes, duques, viscondes, cavaleiros etc. O Clero, formado pelos membros da Igreja Católica e os Camponeses, que eram os trabalhadores rurais que serviam ao senhor feudal e pequenos artesãos.

A educação era realizada pela Igreja, já que as únicas escolas estavam do lado de dentro de seus muros, conseguindo ter o controle de quem iria aprender e o que iria aprender, então era uma pequena parte da população que recebia, principalmente nobres, membros da elite e da administração pública.

O quadro 1 a seguir traz uma síntese das principais ideias de cada autor apresentado:

Quadro 1 – Síntese dos autores e ideias abordadas na seção 2.1

Autor (ano)	Principais aspectos trazidos
Franco Jr. (2008).	Causas das inúmeras mortes.
Calainho (2014).	Impressão sobre a Idade Média.
Schipanski e Pontarolo (2008).	Pontos negativos. Pontos positivos. Artes, surgimento das universidades, arquiteturas e novidades na agricultura.
Jacques Le Goff (2005).	Tecnologias no trabalho.
Dantas e Oliveira (2018).	Divisão de Alta e Baixa Idade Média.

Fonte: A autora

Como mencionado anteriormente, a Igreja Católica foi uma instituição com grande influência no período medieval. A seguir, traremos com maiores detalhes sobre esta influência e suas características.

2.2 A Igreja Católica

A palavra “católico” tem origem grega que se pode traduzir como “universal”. A Igreja Católica sempre se colocou como única e verdadeira seguidora de Cristo filho de Deus, sendo a Igreja com maior número de seguidores.

O mundo germânico romano, como diz ROMAG (2019, pg. 41), que se formou com a junção dos povos, foi o fio condutor para a principal atividade da Igreja, que era purificar tudo que não era de Deus. *“Converter e educar os povos medievais por meio daquela herança, formar e organizar Estados, que logo se revestiram de caráter cristão, criar entre eles nova cultura, eis a missão da Igreja medieval”*.

O cristianismo surgiu no Império Romano e com o tempo tornou-se a religião oficial do Império. Mas sua consolidação aconteceu quando os povos germânicos se converteram. A Igreja Católica foi a mais importante instituição na Idade Média, isso porque conseguiu ser a única que além de sobreviver, ainda conseguiu se fortalecer. Por conta desta importância, ela acabou se tornando responsável pela cultura da época, cultura na qual tudo depende da vontade de Deus. Mas não só na cultura ela influenciava, também controlava a sociedade, a economia, a literatura, a educação e

a política. Usava um discurso persuasivo e com caráter autoritário. DANILO MONDONI (2012, pg. 11) afirma: “Conquistando seu direito de cidadania no mundo antigo, a Igreja, em conjunção com outros fatores, criou o mundo medieval, uma combinação de antiguidade, cristianismo e germanismo caracterizada pela estreita ligação entre Igreja e Estado.”

O FREI DAGOBERTO ROMANG (2019, pg. 41) fala sobre a conquista da Igreja pelo poder: “O que a Igreja não conseguira perfeitamente na antiguidade, a compenetração completa da sociedade pelas ideias cristãs, a mútua compenetração do elemento espiritual e secular, de Igreja e Estado, conforme as intenções divinas, conseguiu-o na idade média.”

Nos primeiros séculos da Idade Média muitos reinos tornaram-se católicos, muitas vezes obrigados, pois a Igreja vinha ampliando sua autoridade através de alianças políticas e influenciando a monarquia. Adquirindo todo o acesso e controle ao conhecimento, ocasionou na cultura medieval voltada ao saber religioso. A Igreja Católica tornou-se em pouco tempo a instituição mais rica da Europa graças aos impostos pagos para Roma. Quanto mais poderosa e influente ela se tornava, mas investidores e apoiadores ela ganhava.

Aprenderemos de imediato a importância do seu papel se nos reportarmos ao estado da sociedade durante os séculos a que se convencionou chamar a Alta Idade Média: período de esboroamento de forças, durante a qual a Igreja representa a única hierarquia organizada. Face à de agregação de todo o poder civil, um ponto permanece estável, o papado, resplandecendo no mundo ocidental na pessoa dos bispos; e mesmo nos períodos de eclipse que a Santa Sé sofre, o conjunto da organização permanece sólido. Em França, o papel dos bispos e dos mosteiros é capital na formação da hierarquia feudal. Este movimento que leva a arraia-miúda a procurar a *protecção* dos grandes proprietários, a confiar-se a eles por *actos* de recomendação (*commendatio*) que vemos multiplicarem desde o fim do Baixo Império, só podia funcionar a favor dos bens eclesiásticos; (PERNUD, 1997, pg.81)

A Igreja era dividida em alto clero, que era composta por bispos, cardeais e o papa, e no baixo clero, que era composto pelos padres. A organização clerical na Idade Média era simples, a paróquia era dirigida pelo padre, esse conjunto de paróquias, formava uma diocese, que era dirigida pelo bispo. Já o conjunto de dioceses, formava uma arquidiocese, que por sua vez era administrada pelo arcebispo, e o grande chefe de todos esses grupos da Igreja era o papa. “*O reino ou marquesado era autoridade política em escala regional e o interior das cidades a autoridade pública eram os bispos.*” (AMORIM, RODRIGUES e ERRA, 2021, temp. 1m15s – 10m20s).

A Igreja Católica na Idade Média teve um importante papel na influência da sociedade, na parte espiritual e em bens materiais. Com muitas doações, adquiriu bens, fazendo com que se tornasse a maior proprietária de terras da época, tendo riqueza e poder político. Por muito tempo ela recebeu enormes pedaços de terra como agradecimento em apoios políticos e militar, além dos impostos que recebia. Também tinha a função de administrar a justiça, julgando através do Direito Canônico.

Ao longo do período medieval, grande parte da população não tinha acesso aos conhecimentos básicos, como leitura e escrita. Este era um privilégio de poucos, entre eles, integrantes da igreja e comerciantes.

No mundo medieval, exceto os membros da Igreja, pouquíssimas pessoas eram alfabetizadas ou tinham acesso às obras escritas. Por isso, muitos mosteiros possuíam bibliotecas com grandes obras [...] o clero ocupava o topo da hierarquia social, exercia controle em vários aspectos da vida daquela sociedade medieval [...] a opinião de vários clérigos passou a influir na decisão dos reis e grandes proprietários de terra do período.

Nesse sentido, depreende-se que em cada sociedade, as crenças religiosas contribuíram para difundir ideias e estabelecer regras de conduta e comportamentos, assim como influenciar a organização social e política de dada civilização, constituindo-se, portanto em mecanismo de controle social. (CARVALHO; FARIA; LISBOA; SILVA; ALENCAR, 2020, pg.312 e 313)

As primeiras escolas eram regidas pela Igreja. A partir do século XII, começaram a surgir escolas fora da igreja, porém ainda administrada por ela.

Na Idade Média, foram escritas muitas hagiografias, textos importantes para a disseminação dos conceitos teológicos, padrões de comportamento e valores. No século XIII, a Igreja criou o Tribunal do Santo Ofício ou Inquisição, para julgar os hereges.

OLIVEIRA e SOUZA (2008, pg. 16 e 17) nos contam que até o século XIII os chamados heréticos não se escondiam, faziam suas palestras publicamente. Mas que após o início do século XIV era muito rígido o controle sobre as pessoas, muito mais do que sobre os livros, pois as pessoas podiam falar e os livros ficavam inacessíveis sob o olhar da Igreja.

No final da Idade Média, o segmento luterano deu início a Reforma Protestante, impulsionada por razões políticas e religiosas. Os protestantes questionavam as interpretações que a Igreja fazia das escrituras da Bíblia, pois a Igreja apresentava uma leitura oficial, mas não permitia a sua leitura por outros. A Reforma defendia a leitura e interpretação individual de cada um e questionava a

“venda” do perdão feita pela Igreja. Com tantas contestações que a Igreja vinha passando, tentou reverter o abalo que vinha sofrendo queimando alguns reformadores.

O quadro 2 a seguir traz uma síntese das principais ideias de cada autor apresentado:

Quadro 2: Síntese dos autores abordados na seção 2.2

Autor (ano)	Principais aspectos trazidos
Romag (2019).	Igreja queria purificar tudo que não era de Deus. Criar uma nova cultura/pensamento.
Mondoni (2012).	A Igreja “criou” o mundo medieval, que era um combinação de antiguidade, cristianismo e germanismo.
Pernud (1997).	O poder da Igreja com as alianças com grandes proprietários.
Amorim, Rodrigues e Erra (2021).	Divisões da Igreja.
Carvalho, Faria, Lisboa, Silva e Alencar (2020).	Pouquíssimas pessoas de fora da Igreja eram alfabetizadas.
Oliveira e Souza (2008).	Hereges era mais perigosos que os livros.

Fonte: A autora

Após contextualizar sobre o período abordado neste trabalho e a Igreja, apresentaremos a seguir os conceitos sobre o arquivo e o desenvolvimento deste até a Idade Média.

3 ARQUIVO

Assim como já vimos o contexto histórico da Idade Média, bem como as principais características da Igreja Católica neste período, faz-se necessário discorrermos sobre o conceito de arquivo e sua evolução para chegarmos ao foco central do nosso trabalho, a influência da Igreja no desenvolvimento dos arquivos na Idade Média Ocidental.

3.1 Arquivo: Conceito

Arquivo geralmente é o lugar que nos remete à consulta de informações por parte de historiadores, pesquisadores, estudiosos, professores etc. Aquele lugar onde a história de uma cidade ou empresa está assegurada e que mantém informações em diversos tipos de suportes e formatos, como CDs, fotos, livros, jornais etc. Mas sem dúvida, o arquivo pode ser muito mais que uma palavra, uma caixa, uma estante, um armário ou um prédio.

[...] um arquivo não representa apenas uma folha com informação escrita, abrange todo tipo de documento, tudo o que revela a história de um povo. [...] os documentos de arquivo constituem, um conjunto de provas que somadas representam a conclusão de um facto. (PORTO, 2013, pg. 15)

É importante estudarmos o conceito dos arquivos, pois como nos escreve SCHELLENBERG (2006, pg. 40) *“Os arquivistas de diversos países [...] definiram o termo “arquivo” de maneira diferente. Cada qual definiu-o segundo o modo como se aplica aos materiais com que lidam. [...] não há uma definição do termo “arquivos” que possa ser considerada final, que deva ser aceita sem modificações e que seja preferível às demais. A definição pode ser modificada em cada país de acordo com as suas necessidades peculiares.”* Cada época e cada país tem a sua realidade, por isso não podemos ficar presos apenas no arquivo que conhecemos hoje no Brasil, por exemplo.

O autor CARLOS GUARDADO DA SILVA (2018), também afirma em seu texto que o termo “arquivo” tem múltiplos sentidos, não só na nossa língua destaca ele. Estes conceitos vão desde o lugar onde se guardam os documentos, uma instituição, o edifício, o serviço ou unidade orgânica, um mobiliário, o conjunto dos documentos ou informação produzidos por uma instituição, até a própria função de organização dos documentos.

Ao longo da história dos arquivos evidenciamos uma progressão na maneira de conceituar o arquivo. PORTO (2013, pg. 13) coloca em seu texto a origem da palavra “arquivo” como vinda de tempos remotos, de arquivos em placas de argila. Que o povo grego denominou “arquivo” como “*archeion*” e que para eles era um lugar para escrever e preservar documentos do governo. A autora ainda nos conta que os gregos traduziram o conceito do povo romano, que denominava arquivo como “*Tabularium*” e posteriormente como “*archiuum*”, esse lugar tinha o significado, um espaço e/ou serviço para conservar documentos antigos.

Margareth da SILVA (2016, pg. 03) aborda em seu trabalho que os autores Casanova e Duranti, trazem conceitos do termo “*archeion*”. Casanova acredita que o termo indique tanto local como móvel, o que justifica a confusão feita até hoje. E Duranti compreende o termo com palácio do governo, administrador geral, gabinete do magistrado, serviços de arquivos, documentos originais, repositório para documentos originais, autoridade.

A origem etimológica do termo ‘arquivo’ remonta ao substantivo *arkhaion*, palavra de origem grega que designava o palácio em que residia o magistrado (*arkhon*, o arconte) e no qual se conservavam os documentos produzidos no âmbito das suas atividades. Era nessa época já notória a ambivalência de significados do termo *Archeion*, designado quer o conjunto dos documentos, quer o local destinado à sua conservação, acepções que se manterão na língua latina, independentemente das formas distintas com que o termo arquivo foi grafado: *Arcivum*, *Archivum* ou *Archivium*. (SILVA, C.G., 2018, pg. 29)

O autor prossegue e afirma que os povos romanos usavam palavras diferentes para se referir aos arquivos, como: *tabularium*¹, *chartarium*, *scrinium*. Já para o mobiliário onde guardavam os documentos as palavras utilizadas eram: *archarium*² e *armarium*³.

PAES (2004) aponta que as definições antigas são mais de aspecto legal dos arquivos, como depósito de documentos e papéis seja qual for a espécie, sempre tendo relação com os direitos das instituições e dos indivíduos, servindo para estabelecer ou reivindicar direitos. Sendo transferidos para as bibliotecas quando

1 “*Tabularium* era o nome que recebera o edifício construído no Século I a.C. para a sede do arquivo do Estado da República Romana, que ainda existe junto do Capitólio, em frente ao Fórum Romano (LODOLINI, 1994, p. 19-20 apud GUARDADO SILVA. 2018, p. 29).

2 “*Archarium* corresponde à palavra portuguesa e italiana ‘arca’ (proveniente do verbo grego *archein*; ou *cassa*, em italiano)” (SILVA, C.G. 2018, p. 29).

3 “*armarium*, tendo surgido, a partir deste, a palavra ‘armário’” (BERTINI, 2008, p.11 apud SILVA, C.G. 2018, p. 29)

não serviam mais, surgindo assim a ideia de arquivo administrativo e arquivo histórico.

Sobre o termo “arquivo”, SILVA e RIBEIRO (2002, pg. 70) trazem em sua obra: “É apenas na transição do Mundo Antigo para a Idade Média que se dá a cristalização do conceito e se assiste à vulgarização do termo *arquivo*. O seu significado abrangente, torná-lo-á mais consensual, explicando o posterior sucesso”. Essa “vulgarização” que os autores trazem em seu texto, explica que, a partir daquele momento, o termo “arquivo” começa a ser usado cada vez mais com a consciência do que ele significava, tanto que é usado até hoje.

Carlos Guardado SILVA (2018, pg. 31) ressalta que durante na Idade Média, percebemos duas tendências. A primeira feita pelo jurista romano Ulpiano redigida no Código de Justiniano, redigido no século VI, temos o arquivo considerado como lugar. Lugar esse onde faz a conservação e garante a idoneidade dos documentos. A segunda é de Isidoro de Sevilha, que traz os termos *arca* e *armarium*, que seriam os móveis onde os documentos são guardados

Para SILVA e RIBEIRO (2002. Pg. 34) o arquivo na Idade Média não se tratava de um lugar para guardar tabuinhas e papiros, era um lugar onde, independente do suporte, serviços eram prestados. Um espaço físico onde recebia documentos de valor pois eram prova e memória de fatos ocorridos.

Questão está apontada também por MASSON (2006, pg. 91) que afirma que diferentemente da Antiguidade Clássica onde os arquivos estavam sob a ótica administrativa, é na Idade Média que começam a agregar um conceito de memória.

Muitos autores que trazerem o conceito de arquivo, apontam acréscimos importantes, mas não fogem da mesma linha conceitual. De acordo com CUNHA e CAVALCANTI, no Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia (2008, pg. 24), arquivo é definido como “Conjunto de documentos, quaisquer que sejam suas datas, suas formas e seus suportes físicos, produzidos ou recebidos por pessoa física ou jurídica, ou por instituição pública ou privada, em decorrência de suas atividades”.

MARIZ e VIEIRA (2015, pg.290) nos trazem sua tradução do conceito de arquivo apresentada por CASANOVA: “o arquivo é a acumulação ordenada de documentos produzidos por uma instituição ou indivíduo durante o exercício da sua atividade e conservados para a consecução dos objetivos políticos, legais e culturais dessa instituição ou indivíduo”.

Sendo o arquivo prova de um fato, é fundamental que mantenha suas características. Diante disto, ter o tratamento adequado torna-se ainda mais importante, questão levantada na próxima sessão.

O quadro 3 a seguir traz uma síntese das principais ideias de cada autor apresentado nesta seção:

Quadro 3: Síntese dos autores abordados na seção 3.1

Autor (ano)	Principais aspectos trazidos
Porto (2013).	Arquivo é tudo que revela a história de um povo.
Guardado da Silva (2018).	Lugar onde se guarda os documentos.
Schellenberg (2006).	Cada época e cada país tem a sua realidade.
Margareth da Silva (2016).	É local e também um móvel.
Paes (2004).	Depósito de documentos sempre tem relação com os direitos das instituições ou indivíduos.
Silva e Ribeiro (2002).	Na Idade Média que fica claro o conceito de arquivo.
Masson (2006).	Na Idade Média que agregar o conceito de memória aos arquivos.
Cunha e Cavalcante (2008).	Trazem o conceito de dicionário.
Mariz e Vieira citam Casanova (2015).	O arquivo é uma acumulação ordenada.

Fonte: A autora

Visto o conceito geral de arquivo, em seguida veremos como surgiram os arquivos e como foi seu desenvolvimento até a Idade Média.

3.2 Evolução e Desenvolvimento dos Arquivos: do Surgimento até a Idade Média

Como aponta ARAUJO (2013, pg. 62), refletir sobre a origem dos arquivos, nos conduz obrigatoriamente às primeiras atividades culturais humanas, como a ação simbólica de interpretar o mundo e de produzir registros materiais em qualquer suporte físico. O homem pré-histórico, por exemplo, já registrava suas atividades nas paredes das cavernas.

TANUS (2014, pg. 86), traz em seu texto que com a transição da informação oral para a informação escrita, acontece por consequência da necessidade humana em registrar, preservar e comunicar os atos, conhecimento, transações econômicas, administrativas e políticas em cada época. A evolução da escrita cuneiforme e a evolução do suporte, trazem um grande aumento no número de documentos, o que resulta em uma necessária organização e abrigo. Por este motivo, a questão da organização e tratamento destes registros faz parte fundamental do pensar o arquivo.

A autora PORTO (2013pg. 15) destaca o arquivo de Ebla, na Síria, um dos mais antigos e importantes, tinha muitas placas de argila com uma sistematização da sua organização.

Os autores MORAES e OLIVEIRA, também citam que

[...] a existência de arquivos pode ser identificada nas civilizações pré-clássicas: “Nas cidades-Estados da Síria e Mesopotâmia foram descobertos alguns dos primeiros arquivos da humanidade”. [...] um dos maiores achados de tabuinhas cuneiformes aconteceu na cidade de Ebla, na Síria. Os registros abrangiam o mandato de três soberanos, durante um período estimado de 45 anos, remontando cronologicamente ao século XXIV a.C. No depósito onde eram armazenadas as tais tabuinhas, havia uma criteriosa seleção, e a ordenação obedecia a um plano sistemático, de acordo com o funcionamento dos documentos, fato que nos remete aos planos de classificação atuais. (MORAES e OLIVEIRA, 2015, pg. 108)

Considerados organizados e evoluídos, os Gregos, tiveram um grande aumento na massa documental devido ao aperfeiçoamento que desenvolveram na escrita e sentiram a necessidade de guardar estes documentos probatórios e históricos no que eles chamavam de *Arkheion* (arquivo). (PINHEIRO, 2010, pg. 16)

Ainda sobre critérios de organização, é interessante destacar que CALDERON, CORNELSEN, PAVEZI, LOPES (2004, pg. 97) colocam que na Antiguidade no Egito, Grécia e Roma, já se respeitava a procedência do documento,

onde já se vê a formação dos chamados “fundos arquivísticos”, que até hoje é um dos principais fundamentos da arquivística.

Já no século I a.C. foi construído um prédio que seria o arquivo do Estado da República Romana, ele foi chamado de *Tabularium*. Tinha como objetivo garantir a conservação e a autenticidade dos documentos evitando a falsificação.

Contradizendo os autores vistos anteriormente, os autores HORA e SATURNINO (2014, pg. 01) comentam em seu texto que na Idade Média, a arquivologia passou por um declínio, resultado da centralização das fontes de informação pela Igreja. É exatamente neste ponto aonde queremos chegar com o tema deste trabalho. Assunto que aprofundaremos nos próximos capítulos.

O quadro 4 a seguir traz uma síntese das principais ideias de cada autor apresentado:

Quadro 4: Síntese dos autores abordados na seção 3.2

Autor (ano)	Principais aspectos trazidos
Araújo (2013).	Faz um reflexão das primeiras atividades culturais humanas.
Tanus (2014).	Transição da informação oral para a escrita, surgiu a necessidade do homem registrar tudo.
Porto (2013).	Arquivo de Ebla antigo e importante.
Moraes e Oliveira (2015).	Primeiros arquivos da humanidade: Antigas civilizações da Síria e Mesopotâmia.
Pinheiro (2010).	Gregos: organizados e evoluídos, aperfeiçoarem a escrita, resultando em uma grande massa documental.
Calderon, Cornelsen, Pavezi e Lopes (2004).	Na Antiguidade no Egito, Grécia e Roma já se respeitava a procedência do documento.
Hora e Saturnino (2014).	A arquivologia passa por um declínio, devido a Igreja centralizar nela mesma as informações.

Fonte: A autora

4 OS ARQUIVOS E A IGREJA NA IDADE MÉDIA OCIDENTAL

São diferentes os pontos de vista em relação ao desenvolvimento dos arquivos na Idade Média, o ponto em comum é a inegável influência da Igreja nesta questão. Alguns autores defendem que com o excessivo controle da Igreja, houve um retrocesso, um prejuízo no desenvolvimento e tratamento dos arquivos. Já outra parte dos autores entende que, mesmo com esse controle da Igreja, houve avanços para área, afinal os arquivos conseguiram progredir, principalmente nas questões de preservação e até mesmo na criação de novas tipologias. Essas diferentes opiniões veremos neste capítulo.

Fazendo parte do time dos autores que acreditam em um desenvolvimento positivo, em seu trabalho, Margareth SILVA (2016, pg. 5) cita DURANTTI que coloca que o conceito de arquivo na Idade Média foi o estabelecido pelo *Corpus Iuris Civilis*⁴: “lugar público onde os documentos são guardados”. Este ainda menciona a compreensão de “que os documentos permaneçam incorruptíveis e sirvam como prova autêntica, de modo que a memória contínua dos atos, que eles atestam, seja preservada”. O entendimento do arquivo enquanto lugar de guarda e de garantia de autenticidade dos documentos vem das leis romanas.

Desta forma o desenvolvimento estaria relacionado a preservação destes documentos e por consequência dos fatos que atestam. Por estarem ganhando tanto cuidado, os arquivos são considerados tesouros documentais. (MATOS, 2012, pg. 24).

Também acreditando nesse desenvolvimento, o autor Carlos Guardado da SILVA (2018, pg. 30) traz uma citação do Código de Justiniano⁵ que representa bem a influência da Igreja: “Decretamos que as escrituras sejam depositadas nos próprios arquivos da santíssima igreja, para que haja perpétua memória do assunto” (Tradução nossa). Como já mencionamos, se a preservação era entendida a partir

⁴ Código de Direito Romano.

⁵ 4º Livro do Código de Direito Romano.

“Com o fim do Império Romano, a obra jurídica permaneceu por meio do Código de Justiniano”. (Silva, M.2017, pg. 122)

“[...] o imperador Teodósio declara o cristianismo religião oficial do Estado [...] Como religião oficial de Estado, o Direito Romano pôde ser aplicado à Igreja, e, portanto, o *Código de Justiniano* foi uma importante fonte para o Direito Romano.” (SILVA, M. 2017, pg. 124)

do local em que estava o documento, nada mais seguro do que uma instituição “estável” e “santíssima” para os preservar.

Os documentos arquivísticos nessa época, como diplomas e títulos de propriedade, sendo eles referentes à Igreja ou a terceiros – nobres e senhores feudais – eram necessariamente guardados nas bibliotecas dos mosteiros. “[...] O direito de criar arquivos, *ius archivi*, foi transmitido para a Idade Média pelo Código de Justiniano; tal direito referia-se apenas àqueles que detinham autoridade para legislar, isto é, os soberanos e pontífices. [...]” (OLIVEIRA e SOUZA, 2008, pg. 24)

Concordando, HERRERA (1991, pg. 106) diz em seu texto que na Idade Média a Igreja desempenha um importante papel na conservação dos documentos, pois estes estavam estáveis e fixos nos mosteiros.

Na Idade Média a gestão de documentos vão estar fundamentalmente nas mãos da Igreja, detentora do “Saber e da Cultura”, concentrados nas Catedrais e Mosteiros.

Os Arquivos Eclesiásticos vão assim ter a função de guardar e gerir os títulos de propriedade, quer da Igreja, quer de outras instituições públicas e particulares. (REIS, 2006, pg. 4)

Sobre a evolução dos arquivos, AMORIM, RODRIGUES e ERRA (2021, temp. 38m40s – 41m33s) comentam que no século XII começou um desenvolvimento muito grande dos contratos, que eram redigidos por notários, contratos como testamentos, empréstimos, acordos comerciais etc. SILVA e RIBEIRO (2002, pg. 77) tocam exatamente neste ponto ao descrever que no século XIII surgem os primeiros cartórios. Nos cartórios eclesiásticos era onde os reis e mosteiros passaram a guardar suas cópias de documentos mais importantes, onde prometiam estabilidade, percebendo-se cada vez mais a necessidade de conservar e proteger.

Em sua interessante abordagem sobre o desenvolvimento dos arquivos, CASANOVA (1928, pg. 320) coloca que no século XIII:

[...] Cresce o volume de instrumentos, mas juntos eles desenvolvem e especializam os vários ramos da administração pública e os atos nos arquivos do Município ou Estado.

Até agora éramos obrigados a recolher notícias e pistas de todo o lado, que manifestassem a existência do arquivo. A partir de agora os textos de estatutos e leis podem oferecer muito para nossas investigações.

[...] no meio para os quais foram criados, os arquivos tinham uma finalidade ou finalidades específicas, correspondendo àqueles para os quais também acreditamos que foram criados [...] (CASANOVA, 1928, pg.320. Tradução nossa)

Neste contexto, destaca-se que Casanova apresenta não apenas uma ampliação do volume documental, mas também a existência dos arquivos agora mencionados em estatutos e leis.

SILVA e RIBEIRO (2002, pg. 77), em sua obra, também argumentam sobre a evolução dos arquivos no final da Baixa Idade Média por conta do surgimento de novas tipologias documentais, o que mostra uma evolução no conceito de Administração. Segundo eles, a preservação dos documentos passa a ir além dos motivos jurídicos e patrimoniais, avançando para o setor financeiro e historiográfico. No século XIV o grande aumento no volume e na diversidade de documentos, resulta na nomeação de arquivistas oficiais nas cortes europeias.

[...] Não será demais sublinhar, por consequência, o significado e a importância que este período teve para o ressurgimento da arquivística europeia. Já não se guardam apenas os instrumentos de confirmação de títulos ou contratos. As administrações adquirem também o hábito de conservar extensas séries de actas, minutas de correspondência, assentos contabilísticos, recibos, etc. O surgimento de novas tipologias documentais nos arquivos denota uma evolução do conceito de Administração, a qual passa a conservar seus documentos muito para além da escrita perspectiva jurídica e patrimonial. (SILVA e RIBEIRO, 2002, pg.77)

Os autores OLIVEIRA e SOUZA (2008, pg. 19), apesar de seu texto dirigir-se as bibliotecas, também afirmam que o pensamento da Igreja Medieval fez com que fosse criada uma infraestrutura para buscar, guardar manter essas fontes de informação e conhecimento, tudo isso concentrado nos mosteiros. “[...] tais acervos também continham documentos que hoje consideraríamos de caráter arquivístico, ou seja, de natureza administrativa e probatória. O acesso a tal acervo, no entanto, era restrito.” (OLIVEIRA e SOUZA, 2008pg. 19)

SILVA e RIBEIRO (2002), acreditam que a ideia de que quase se perdeu a tradição arquivística na Europa na Idade Média é falsa, ou que é relativo. Relatando sobre a existência de importantes chancelarias, como a da Cúria romana, por exemplo. Ele coloca como “culpada” da quase perda total dos arquivos da época, a instabilidade política e social, as dificuldades institucionais e a fraca resistência dos suportes. Mas que tudo isso não deixou de influenciar a arquivística medieval, como afirma CASANOVA (1928, pg. 319) quando escreve que o Império e o Papado, assim como reinos da França, da Inglaterra e da Península Ibérica mantêm traços de suas atividades nos próprios arquivos.

Ao longo do texto de SILVA e RIBEIRO, percebemos pontos onde os autores citam que a saturação dos depósitos e grandes concentrações de arquivos, acabam

resultando em reformas institucionais, onde, mesmo no centro da Igreja, levam esses arquivos à migração entre organizações.

O aumento considerável do volume e da variedade dos documentos irá ter consequências imediatas [...] no século XIV que se verifica o primeiro grande movimento de nomeação de arquivistas oficiais nas cortes europeias. [...] Embora grandes e ociosos, estes regulamentos contam-se entre os mais antigos até hoje conhecidos e definem, com bastante clareza, a razão da experiência do arquivo, o modo como devem ser tratados os documentos e as condições em que serão feitas as cópias ou certificados dos mesmos. [...] (SILVA e RIBEIRO, 2002, pg.77)

REIS (2006, pg.04) destaca que no século XIV, surgem Arquivos Centrais por toda a Europa, como o *Archivo de la Corona de Aragón* e o Arquivo da Torre do Tombo. Mas ao mesmo tempo ocorre a descentralização de muitos arquivos, onde observamos o surgimento de Cartórios Concelhios. O autor ainda destaca que é neste século que temos o primeiro grande movimento de nomeação de arquivistas oficiais nas Cortes da Europa.

Já os autores a seguir acreditam na ideia de, não somente estagnação, mas sim de retrocesso no desenvolvimento arquivístico da época.

No estudo realizado por SILVA; PAIVA; CRUZ; CAVALCANTE (2016), citam o historiador Peter Burke, que retrata a influência da instituição predominante, a Igreja, na concentração da informação para obter o controle do Estado e dominação sobre a população. Assim como outros autores, também colocam a Igreja como detentora dos registros e informações, censurando e controlando o acesso às informações. Isto é representado na obra *O nome da Rosa* de Umberto Eco (1980):

Eco narra em seu livro as maneiras como a Igreja proibia o acesso a determinados livros como, por exemplo, a obra *O Il Livro da Poética* de Aristóteles que ficava secretamente guardado na biblioteca da Abadia, por obstruir o conhecimento de determinadas doutrinas e para impedir qualquer progresso intelectual e material com o objetivo de manter seu domínio sobre o mundo através do medo. A obra tratava da comédia e do riso que era considerado um atentado a fé, o pensamento Aristotélico continha saberes filosóficos e científicos que despertava interesse pelas inovações científicas e na época o pensamento dominante impedia que o conhecimento fosse acessível aos usuários, salvo os escolhidos. (SILVA; PAIVA; CRUZ; CAVALCANTE, 2016, pg.53).

Segundo os autores, o Estado e a Igreja sempre acumularam informações a fim de controlar a vida do povo, como forma de aumentar os impostos, alistá-lo para o exército e alimentá-los quando a fome surgisse.

[...] O controle ocorria com a guarda de obras que a Igreja mantinha longe dos olhos do mundo em suas bibliotecas que eram dispostas como labirintos, apenas alguns possuíam acesso as obras e mantinham um controle rigoroso. Eco ilustra ao dizer que alguns livros não poderiam ser de

conhecimento público, ao dizer na voz do bibliotecário Jorge de Burgos que: “Nem todas as verdades são para todos os ouvidos, nem todas as mentiras podem ser reconhecidas como tais por uma alma piedosa, (...) para qual devem ler alguns e não outros volumes, e não para seguir qualquer insensata curiosidade que por ventura os colha, quer por fraqueza da mente, quer por soberba, que por sugestão diabólica. (ECO, 2012, p.54)”. (SILVA; PAIVA; CRUZ; CAVALCANTE, 2016, pg.52).

Neste mesmo estudo, os autores colocam a Idade Média como um período dominado pela ignorância, onde a Europa sofreu retrocesso em áreas como artística, intelectual, filosófica etc. Na transição da Idade Média para a Moderna, o monopólio sobre a escrita, o latim e a posse de livros eram da Igreja. Só aprendia a ler e escrever quem era da elite, intelectuais, soberano, sacerdotes etc.

Segundo HORA e SATURNINO (2014) a Igreja, com seu controle e manipulação, interrompeu o desenvolvimento dos arquivos, impedindo a criação de documentos e difusão de informações, com medo de ter a sua palavra contrariada pelos hereges. Um exemplo citado pelos autores é a história de Nicolau Copérnico, que se opôs à Igreja com informações e documentos que discordavam com a Igreja. No tribunal da Inquisição foi julgado, condenado e morto, queimado em praça pública. Os autores ainda ressaltam que essa época foi considerada um retrocesso para a arquivística.

Podemos considerar que esta subdivisão da história foi um período mefistólico, melancólico e sombrio para a arquivística, onde a mesma teve um desenvolvimento contrário do que se esperava, pois nesta época houve uma redução na prática da escrita, resultando em uma grande diminuição dos arquivos. Estes pontos negativos, dentre outros partiram todos da Igreja [...] (HORA; SATURNINO, 2014, pg. 4)

A imprensa criada por Gutemberg era revolucionária na difusão da informação, mas o grande obstáculo que ela encontrou para este progresso foi a censura por parte da Igreja que continuava a controlar o acesso ao conhecimento.

[...] A destruição de livros é perpetrada na Idade Média por várias motivações, uma delas é o antagonismo entre a fé e a razão. Eco evidencia o esforço da Igreja Católica em manter inabaláveis seus dogmas e critérios, assim garantindo a ordem social. (SILVA; PAIVA; CRUZ; CAVALCANTE, 2016, pg.53).

PORTO (2013, pg. 17) cita Couture e Rousseau quando diz que os arquivos vinham evoluindo até chegar na Idade Média, e que essa época foi marcada pela queda na escrita, desencadeando uma estagnação na evolução dos arquivos. A Igreja era privilegiada, pois devido ao ser cargo na sociedade, dominava o

manuseio, a gestão, a conservação e as informações. Ela guardava não só seus documentos, bem como de instituições públicas e privadas.

CASANOVA (1928, pg.341) por sua vez traz que no começo da Baixa Idade Média os arquivos vinham tendo um bom desenvolvimento por parte dos poderes legislativo e teológico, mas que por causa de embates políticos eles acabam tendo uma diminuição em seu progresso, pois acabaram sofrendo atos de vandalismo.

Outro fato que é interessante comentar sobre os pontos “negativos” na relação da igreja com os arquivos, é o que nos conta FÁBIO MARTON (2020) que os monges copistas priorizavam o que era mais interessante para a Igreja, conseqüentemente, o que não era tão importante acabava se perdendo.

O quadro 5 a seguir traz uma síntese das principais ideias dos autores apresentados que destacam evolução positiva dos arquivos neste período.

Quadro 5: Síntese dos autores abordados na seção 4 que destacam uma evolução positiva dos arquivos na Idade Média.

Autor (ano)	Principais aspectos positivos trazidos
Margareth Silva cita Dutanti (2016).	Autenticidade das informações.
Matos (2012).	O desenvolvimento está relacionado a preservação.
Guardado da Silva (2018).	Cuidado com a preservação da informações.
Oliveira e Souza (2008).	Código de Justiniano que falava sobre o direito de criar arquivos.
Herrera (1991).	A Igreja desempenha um importante papel na conservação dos documentos.
Reis (2006).	Papel da Igreja na gestão de documentos não só dela como também de instituições públicas e particulares.
Amorim, Rodrigues e Erra (2021).	Produção de grande número de documentos.
Silva e Ribeiro (2002).	Surgimento de cartórios e a necessidade de conservar e proteger os documentos.
Casanova (1928).	Cresce o volume documental e arquivos protegidos por estatutos e leis.

Fonte: A autora

Já o quadro 6 a seguir, traz uma síntese das principais ideias dos autores apresentados que destacam que os arquivos não evoluíram.

Quadro 6: Síntese dos autores abordados na seção 4 que destacam que os arquivos não evoluíram na Idade Média

Autor (ano)	Principais aspectos negativos trazidos
Silva, Paiva, Cruz e Cavalcante (2016).	Censura e controle por parte da Igreja.
Hora e Saturnino (2014).	Controle e manipulação interromperam o desenvolvimento dos arquivos.
Porto (2013).	Queda na escrita, desencadeando estagnação na evolução dos arquivos.
Casanova (1928).	Embates políticos acarretaram em diminuição do progresso que vinha tendo, pois acabaram sofrendo vandalismo.
Marton (2020).	Os monges copistas priorizavam o que era da Igreja.

Fonte: A autora

A Igreja influenciou sim no desenvolvimento dos arquivos como nos mostram os autores consultados. Cada um com seu ponto de vista quanto a uma influência ser negativa ou positiva.

5 CONSIDERAÇÕES

Ao longo desta pesquisa, vimos que os arquivos vinham em constante desenvolvimento ao longo da história, que cada vez mais os povos percebiam a importância desses registros.

No fim da Idade Média houve um “boom” no aumento da documentação, se fazendo necessária a criação de novas tipologias e a nomeação de responsáveis especializados neste trabalho, os arquivistas. O que sem dúvidas foi um grande avanço.

A Igreja, como em muitos cenários ao longo na história, estava lá. Percebe que esse grande número de documentos tratava assuntos variados, inclusive de temas os quais poderiam “prejudicá-la”. E como vimos, ela poderia ser cruel quando o assunto fosse defender o seu poder. Assim, usando desse poder, tratou de se resguardar, restringindo o acesso às informações e alimentando a ignorância da população.

Ao final desta pesquisa pudemos compreender que a Igreja Católica medieval foi o principal poder político da época, grande detentora e manipuladora das informações, conquistando o domínio da sociedade e usando de seu poder para impor suas regras.

A Igreja fazia a gestão dos documentos e não liberava acesso aos arquivos justamente por serem sua fonte de poder e mesmo assim como os autores nos mostram, não causou um retrocesso ou um “freio” no desenvolvimento dos arquivos. Ela era a maior interessada pelas informações contidas nos arquivos, no seu melhor desenvolvimento e preservação. Desta forma, quanto mais conhecimento sobre esses arquivos, mais poder poderia conquistar.

Por fim, a Igreja Católica da Idade Média manipulou, controlou, organizou, restringiu acesso, preservou, enfim, cuidou de seu tesouro, daquilo que mais lhe dava força para conquistar o poder tão almejado.

6 REFERÊNCIAS

AMORIM, Breno Gomes de Lima, RODRIGUES, Eric Cyon. ERRA, Felipe Mendes. **A Itália no final da Idade Média**. PODCAST Estudos Medievais: LUME/USP. Disponível em: APP Spofy. Acesso em: 04 de novembro de 2021.

ARAUJO, Carlos Alberto Ávila. **Correntes teóricas as Arquivologia**. Minas Gerais: Encontros Bibli, 2013.

BARROS, José D'Assunção. **A Revisão Bibliográfica – Uma Dimensão Fundamental para o Planejamento da Pesquisa**. Juiz de Fora: Instrumento, 2009.

CALAINHO, Daniela Buono. **História Medieval do Ocidente**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

CALDERON, Wilmara Rodrigues. CORNELSEN, Julce Mary. PAVEZI, Neiva. LOPES, Maria Aparecida. **O processo de gestão documental e da informação arquivística no âmbito universitário**. Brasília: Relatos de experiências, 2004.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. **Dicionário de terminologia arquivística**. São Paulo: Centro de Memória da Educação FEUSP/FAPESP, 2010.

CARVALHO, Anna Karoline Cavalcante. FARIA, Ana Luísa Barbosa. LISBOA, Elizandra da Paz. SILVA, Valcelir Borges da. ALENCAR, Valéria Lustosa de. **A religião como forma de controle social**. Tocantins: Revista Humanidade e Inovação, 2020.

CASANOVA, Eugênio. **Archivistica**. Siena: Stab. ArtiGraficheLazzeri, 1928.

CUNHA, Murilo Bastos da. CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2008.

DANTAS, Leticia Aderaldo de Lima. OLIVEIRA, Thalles Alves de. **A Organização Social e o Surgimento do Estado na Idade Média**. Fortaleza: trabalho para o curso de direito do Centro Universitário 7 de Setembro, 2018.

FRANCO JR., HILÁRIO. **A Idade Média: Nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009;

HERRERA, Antônia Heredia. **Archivistica General: Teoria e Prática**. Sevilha: Diputación Provincial de Sevilla, 5ª edição, 1991.

HORA, Sergio Ricardo Almeida da; SATURNINO, Luyz Paullo Targino; SANTOS, Eliete Correia dos. **A evolução do arquivo e da arquivologia na perspectiva da história**. Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, 2010. Acesso em: 30 de outubro de 2021.

LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. São Paulo: Edusc, 2005.

MARIZ, Anna Carla Almeida; VIEIRA, Thiago de Oliveira. **A construção da noção de documentos especiais na Arquivologia**. Rio de Janeiro: Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2015.

MARTON, Fábio. **8 fatos insólitos sobre a Igreja Medieval**. São Paulo: Editora Abril: Revista Super Interessante, 2020.

MASSON, Sílvia Mendes. **A Arquivística sob o Prisma de uma Ciência da Informação**. São Paulo: USP. Artigo para o Mestrado em Ciência da Informação, 2006.

MATOS, Maria Teresa Navarro de Britto. **A evolução dos arquivos e do conhecimento em arquivologia**. Bahia: Universidade Federal da Bahia UFBA, 2012.

MONDONI, Danilo. **O cristianismo na Idade Média**. São Paulo: Loyola, 2014.

MORAES, Paulo Eduardo Sobreira. OLIVEIRA, Vanderleia Stece de. **Gestão da Informação e Arquivística no Contexto Secretarial**. Curitiba: InterSaberes, 2015.

MARTON. Fábio. 8 fatos insólitos sobre a Igreja Medieval. São Paulo: Editora Abril, 2020.

OLIVEIRA, Leivison Silva. SOUZA, Maria do Socorro Neri de. **O Labirinto: Um Olhar Sobre a Biblioteca da Idade Média**. Brasília: Universidade de Brasília UnB, 2008.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo: Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

PERNUD, Régie. **Luz Sobre a Idade Média**. Paris: Editions Grasset et Fasquelle, 1997.

PINHEIRO, Regiane Cristina. **Gestão de documentos**. Trabalho de conclusão de curso. São Paulo: FEMA, 2010.

PORTO, Daniela Miguéns. **História e evolução do arquivo: a exemplaridade da Torre do Tombo**. Universidade da Beira Interior, 2013.

REIS, Luís. **O arquivo e arquivística evolução histórica**. Perú: Biblios, 2006.

ROMAG, Frei Dagoberto. **História da Igreja: A Idade Média**. Sertanópolis: Cavalarie Editorial, 2019

RONDINELLI, Rosely Curi. **Gerenciamento Arquivístico de Documentos Eletrônicos**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

RONDINELLI, Rosely Curi. **O Conceito de Documentos Arquivístico Frente à Realidade Digital: uma revisão necessária.** Tese de pós-graduação. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2011.

SCHELLENBERG, Theodore Rossevelt. **Arquivos Modernos: Princípios e Técnicas.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SCHIPANSKI, Carlos Eduardo. PONTAROLO, Luizangela Padilha. **História Medieval: Releitura de uma época.** Guarapauva: Editora Unicentro, 2009.

SILVA, Armando Malheiro. RIBEIRO, Fernanda. **Para uma epistemologia da arquivística: perspectiva diacrônica.** Editora Biblioteca das Ciências do Homem, 2002.

SILVA, Margareth. **A polissemia do termo “arquivo”.** Bahia: ENANCIB, 2016.

SILVA, Margareth. **O Arquivo e o Lugar: Custódia arquivística e a Responsabilidade pela proteção aos arquivos.** Rio de Janeiro: Eduff Editora da Universidade Federal Fluminense, 2017

SILVA, Sueli Alves. PAIVA, Andréia Del Conte Paiva. CRUZ, Dalila Gimenes. CAVALCANTE, Luciane de Fátima Beckman. **A mediação do conhecimento na idade média: Peter Burke e Humberto Eco.** Londrina: COAIC, 2016.

SILVA, Carlos Guardado da. **O Conceito de ‘Arquivo’ Revisado: Com e Sem Adjetivação.** Lisboa: Universidade de Lisboa, 2018.

TANUS, Gabrielle Francinne de S. C. **Arquivos, bibliotecas e museus: várias histórias.** Minas Gerais: Biblios, 2014.